

A sociologia de Weber no pensamento de Elias: inspirações ainda inspiradoras...

Weber's sociology in Elias's thinking: inspirational inspirations...

Walmir José Braga de Faria júnior⁸¹

Resumo

Com este artigo, objetivamos apresentar uma discussão comparativa entre dois autores centrais da história da análise sociológica. No caso, abordaremos como certas sugestões de Max Weber (1864-1920), um autor considerado como um clássico da teoria sociológica, inspiraram ou foram recebidas no programa de sociologia desenvolvido por Norbert Elias (1897-1990). Dessa forma, será descrito como a contribuição do clássico foi retomada pelo sociólogo de Breslau em dimensões como o marco que situa o indivíduo como um *locus* de complexidade, a importância da categoria analítica do poder, a junção ou o diálogo entre distintas disciplinas, a compatibilização entre explicar e compreender, a abordagem de processos de longa duração, entre outras. Assim, o argumento que perpassa este escrito é que a contribuição do clássico é central para a tarefa de se entender o percurso das ideias do autor contemporâneo, havendo uma articulação criativa, embora nem sempre evidente, das sugestões daquele teórico no cerne da sociologia renovadora praticada por Elias. Para azeitar essa discussão, lançaremos algumas reflexões, em sua maior parte inclinadas a argumentar sobre como a sociologia dos clássicos da sociologia, assim como da sua recepção - além de auxiliarem na compreensão mais sofisticada de contextos intelectuais pontuais, ou de processos sociais mais amplos -, podem ser estratégicas para se melhor recuperar o valor

⁸¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7634-9899>; Email: walmir.braga.faria@gmail.com.

heurístico das contribuições dos clássicos, e até mesmo dos sociólogos contemporâneos.

Palavras-chave: Norbert Elias. Max Weber. Clássicos da Sociologia. Sociologia do Conhecimento.

Abstract

With this article, we aim to present a comparative discussion between two central authors of the history of sociological analysis. In this case, we will consider how certain suggestions by Max Weber (1864-1920), an author considered as a classic of sociological theory, inspired or were received in the program of sociology developed by the German sociologist Norbert Elias (1897-1990). In this way, it will be described how the contribution of the classic was taken up by the contemporary author in dimensions such as the landmark that places the individual as a locus of complexity, the importance of the analytical category of power, the joining or dialogue between different disciplines, and understand, the approach of long-lasting processes, among others. Thus, the argument that runs through this writing is that the contribution of the classic is central to the task of understanding the course of ideas of the contemporary author, there being a creative, though not always evident, articulation of the theorist's suggestions at the heart of the renewing sociology practiced by Elias. To fuel this discussion, we will throw some reflections, mostly inclined to argue about how the sociology of sociology classics, as well as their reception - as well as assisting in the more sophisticated understanding of punctual intellectual contexts or broader social processes -, may be strategic to better recover the heuristic value of the contributions of the classics, and even of contemporary sociologists.

Keywords: Norbert Elias. Max Weber. Sociology Classics. Sociology of Knowledge.

Introdução

Como um autor clássico é lido por um contemporâneo? O que há de paradigmático ou de singular em sua recepção? De que modo suas ideias aparecem, rotinizam-se, espreitam-se, são reelaboradas, atualizadas e/ou infletidas em novas direções?

Embora isso muitas vezes seja esquecido pela Sociologia, essas questões abarcam fenômenos sociais. E, inclusive, elas podem se constituir como uma chave estratégica e interessante de entrada, seja para se obter uma compreensão mais sofisticada de contextos intelectuais pontuais, ou de processos sociais concretos e mais amplos.

Isso posto, o propósito deste artigo é analisar como certas sugestões de um autor considerado como um clássico da teoria sociológica inspiraram a obra e o pensamento do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990). No caso, nos concentraremos nas ideias e no referencial de Max Weber (1864-1920).

Dessa maneira, nas próximas páginas, começaremos descrevendo um argumento que lançaremos com este escrito, que será retomado algumas vezes ao longo do mesmo, e que pretendemos aprofundar futuramente. Qual seja de que, malgrado a singularidade das contribuições dos clássicos, a sociologia dos clássicos da sociologia pode ser estratégica para se abordar formas de classificação, ideias e valores paradigmáticos e naturalizados em determinados contextos históricos, culturais e sociopolíticos precisos. Após isso, será descrito como a contribuição de Weber foi retomada por Elias mediante alguns pontos de contato epistemológicos, teóricos e temáticos entre ambos. Como o marco epistemológico que situa o indivíduo como um locus de complexidade; a relevância da categoria analítica do poder para a teoria sociológica; a junção e o diálogo entre distintas disciplinas; a compatibilização entre explicar e compreender; a abordagem de processos de longa duração histórica, entre outros.

Assim, o argumento que perpassa este escrito é que a contribuição de Max Weber é central para a tarefa de se entender o percurso das ideias de Norbert Elias, havendo uma articulação criativa, embora nem sempre evidente, das

sugestões daquele teórico no cerne da teoria renovadora desenvolvida pelo sociólogo de Breslau.

Esse argumento, por sua vez, inscreve-se em um argumento e projeto mais amplos, que iniciamos recentemente. O argumento mais amplo é que, embora haja outros autores importantes para se entender a contribuição de Elias à Sociologia e às Ciências Humanas, como Sigmund Freud (1856-1939) e Karl Mannheim (1893-1947), Georg Simmel (1858-1918) e Max Weber são centrais para essa tarefa.⁸²

Quanto ao projeto, o mesmo consiste em retomar o valor heurístico da contribuição de Norbert Elias. Isso, para além da sua recepção mais usual, que vem ocorrendo dos anos 1990 até o presente no Brasil. A nosso ver, essa revisão é fundamental para a Sociologia e as Ciências Humanas em um momento em que a quantidade de pesquisadores e pesquisas acadêmicas vêm crescendo no país. Sendo que, em meio a esse processo, muitas áreas e subáreas vêm se legitimando cada vez mais por investigações com rigorosa fundamentação empírica, mas que, muitas vezes, deixam de avançar do ponto de vista teórico. Nossa expectativa é que a contribuição de Elias - marcada por investigações empíricas rigorosas sempre sintonizadas à invenção teórica - possa ser retomada a fim de colaborar na melhora desse quadro.

A sociologia dos clássicos e da sua recepção como chave para melhor recuperar as suas contribuições

Em outras palavras, a perspectiva de longo prazo mostra a situação do momento sob luz diferente. Sem dúvida, ela exige, durante um período, maior capacidade de distanciamento da situação atual. Mas também abre caminho para mais ampla alienação das aspirações e medos do momento e, assim, das

⁸² Neste artigo, sobretudo por questões de didática e de espaço, a escolha foi por sublinhar as mais significativas e heurísticamente valiosas inspirações e aproximações de Elias em relação a Weber (sendo sua inclinação às ideias de Simmel, tal como as articulações que faz entre as propostas de ambos os clássicos, tarefa para publicação posterior). Somar ao objetivo deste artigo o destaque a todas as aproximações de Elias em relação a Weber, ou mesmo às numerosas diferenças e críticas que distanciam os autores (embora eventualmente as possamos mencionar e elas possam integrar nosso projeto de retomar o pensamento de Elias, descrito nas próximas linhas), seriam tarefas mais para um livro ou tese que propriamente um artigo.

fantasias limitadas pelo momento. Isso aumenta a probabilidade de diagnóstico mais orientado pelos fatos. Segundo um antigo provérbio francês, é o caso de “reculer pour mieux sauter”.

(ELIAS, 1998, p. 23).

É impossível flagrar as mais deliberadas inspirações, e mesmo as aproximações menos refletidas, de Norbert Elias (1897-1990) em relação a Max Weber (1864-1920), sem, ao mesmo tempo, pensar nas semelhanças, assim como nas distâncias entre eles e nós. Dessa forma, explorar essas inspirações e aproximações se confunde com a experiência de observarmos a nós mesmos e a eles sob uma luz vacilante e diversa, ora incômoda, ora estimulante.

Essa experiência mistura-se a diversas dificuldades pouco discutidas, ancoradas ao modo como nós, sociólogos, lidamos com o passado da nossa disciplina. Talvez, a primeira e maior dificuldade em “*reculer*” seja o medo que temos do maior entrave no caminho, qual seja, o de realmente sociologizar os clássicos da sociologia. No limite, isso pode resultar no incômodo projeto de uma sociologia dos projetos que têm um enorme significado para nós.

Além disso, isso implica na difícil tarefa de observar autores como Durkheim, Marx, Simmel e Weber, como seres humanos em seu tempo e circunstâncias particulares. E, por isso mesmo, assim como outros seres humanos, dotados de ambivalências ou contradições. Algumas delas que podem nos revelar mecanismos sociais estruturalmente ambivalentes ou contraditórios, dos quais eles (assim como nós) não estavam livres.

Realmente, não é tão simples para nós imaginar a fundo os clássicos como seres humanos, pessoas cuja vida pessoal possivelmente não estava dissociada nem da vida intelectual nem da obra. Indivíduos cuja compreensão mais complexa da trajetória, e dos respectivos contextos emocionais, culturais e sociopolíticos em que ela se inscreveu, podem lançar novas luzes não só às suas obras, mas também pôr sob nova luz seus temas, conceitos, análises e métodos.

Isso implica, necessariamente, em também problematizar várias das leituras que no presente e no passado foram construídas sobre eles e que conferem, hoje e ontem, legitimidade a certos autores, projetos, grupos e correntes teóricas.

A distância que estamos de encarar seriamente esse projeto é proporcional ao estranhamento que se causa ao falar em “considerar os clássicos como seres humanos dotados de contradições”; ou em se buscar aclarar as abissais distâncias entre o que eles realmente explicaram, o que faz sentido mas não foi ou não pode ser explicado, e também considerar no que, parcial ou totalmente, eles erraram.

No entanto, a última consideração não impede que possamos contemplar o valor das suas colaborações de perspectivas diversas, algumas delas que, para nós, são até mesmo essenciais. Não impede, por exemplo, que possamos enaltecer a qualidade que os clássicos têm de serem símbolos que condensam uma constelação de compromissos diferentes, o que traz várias vantagens funcionais para o campo da ciência social, além do que, o consenso acerca do reconhecimento dos clássicos implica nas fecundas vantagens de um ponto de referência comum (ALEXANDER, 1999, p. 46). Ademais, conforme destaca Alexander (1999), é fundamental não esquecer o quão inusitadas foram algumas das suas ideias, a tal ponto que muitas delas sequer foram devidamente compreendidas em seu tempo, e, menos ainda, avaliadas e incorporadas criticamente, sendo necessárias várias gerações para apreender em pormenor a estrutura das suas teses, exatamente como ocorre com as obras estéticas mais notáveis (ALEXANDER, 1999, p. 50-51)

Apesar disso, paradoxalmente, os clássicos da sociologia - assim como os indivíduos, obras e ideias mais singulares - são um locus privilegiado para que nós sociólogos possamos observar o que há de mais difícil de se acessar. Isso, porque são justamente os indivíduos que mais refletem e problematizam as ideias, valores e supostos mais enraizados em seu lugar, sociedade e tempo específicos, os que melhor revelam o que havia de mais rotinizado nesses últimos, mediante aquilo que não foi refletido ou problematizado em suas obras e ideias.

Com efeito, além de serem estratégicos para se mapear o que de mais singular havia no campo do pensamento pelas novas ideias, as reelaborações e atualizações que produziram, intelectuais como os clássicos são estratégicos para a abordagem das ideias mais elementares que sequer eram questionadas. Ideias que apareciam dessa maneira nos outros grupos e camadas sociais das suas respectivas épocas, mesmo aqueles contra os quais eles se moviam.

O fato de que mesmo os clássicos, dotados do elevado poder imaginativo que conhecemos, tão habilidosos em manejar o que depois se convencionou chamar de imaginação sociológica, não puderam desnaturalizar essas ideias fundamentais é a prova eloquente do quão enraizadas estavam essas mesmas ideias, da eficácia delas, assim como das instituições e estruturas que as engendraram.

Dessa forma, através deles é que podemos acessar melhor aquilo que é mais evidentemente suspeito aos nossos olhos e era insuspeito para eles, ou seja, as categorias mais elementares e fortemente naturalizadas, que eles não conseguiram refletir ou problematizar; ou que, às vezes, só o puderam fazer de modo extremamente ambíguo ou contraditório, duvidoso ou parcial. Essas categorias mais elementares são um testemunho valioso das formas de classificação em correspondência com as quais se organizava - e, em certos aspectos, talvez ainda se organize - o social, este conjunto de relações que encaramos como objeto.

Isso posto, nas próximas linhas, debateremos as inspirações e aproximações levantadas na introdução deste artigo. Em alguns momentos dessa discussão, seja mais abertamente ou em suas entrelinhas, lançaremos mão de algumas das reflexões aqui iniciadas. Além disso, buscaremos tanto começar a sociologizar os intercâmbios entre um autor contemporâneo e um clássico da sociologia, como lançar luz sobre sugestões dos mesmos que em muitos casos têm sido esquecidas por nós, mas que ainda podem nos auxiliar.

Nossa expectativa é que, a longo prazo, ambas as tarefas possam se complementar, e a análise sociológica dos clássicos da sociologia, assim como da sua recepção pelos autores contemporâneos, possam nos ajudar a utilizar as valiosas contribuições de ambos de modo mais crítico e fecundo.

O indivíduo como um lócus de complexidade

Para começar a unir algumas considerações das últimas páginas ao objetivo central deste artigo, pode-se destacar que uma chave interessante para se iniciar a análise da recepção das ideias de Max Weber no programa sociológico de Norbert

Elias faz-se a partir das proximidades de alguns aspectos teóricos, temáticos e epistemológicos entre eles.

Começando pelos últimos, é possível verificar na sociologia praticada por ambos o suposto, muito comum em certas linhagens da sociologia alemã, de se considerar os fenômenos da vida social como dotados de regularidades próprias que, de modo algum, podem ser encaradas como existindo em separado dos indivíduos. Isso aproxima os dois autores, tal como difere tais linhagens de outras situadas, por exemplo, na sociologia francesa ou nos países em que esta enraizou-se mais, que, em geral, muitas vezes adotam a consideração de que os fenômenos sociais têm existência própria e independente dos indivíduos.

Nesta primeira aproximação entre as obras de Weber e de Elias, o indivíduo emerge como um importante locus de complexidade. Isso pode ser facilmente percebido na definição que ambos dão ao próprio objeto da sociologia. Para Weber, como destacaremos melhor mais adiante, este objeto é a ação social. Não qualquer ação, mas aquela exercida por um indivíduo que tem como referência o comportamento presente, passado, ou mesmo esperado para o futuro, de outros indivíduos (WEBER, 2012). Esta ação é dotada de um sentido específico, e ela só ganha relevância se se inspira, de algum modo se relaciona, ou se encadeia com outras ações. Já para Elias, em linhas gerais, o objeto da sociologia pode ser resumido como os indivíduos interdependentes. Assim, os indivíduos cujas recíprocas dependências se entrelaçam, que interagem uns com os outros, e cujas ações se interpenetram o tempo todo na vida em sociedade.

Dessa maneira, pode-se começar a ver como, por um lado, apesar das diferenças, a noção de indivíduo se apresenta com relativa centralidade na sociologia praticada por ambos; e, por outro, como o indivíduo, suas ações e seu comportamento são sempre observados, pensados e imaginados de modo relacional pelos dois autores.

Conforme lembra Johnson (1997, p. 282), com sua teoria da ação, Max Weber combina método e conteúdo, ofertando um marco na teoria sociológica para ligar os indivíduos à sociedade, percebendo esta como sendo constituída por padrões de ação e interação sociais. Com efeito, apesar das fundamentais

diferenças - que pontuaremos melhor nas próximas páginas -, ao se posicionar com maior proximidade ao clássico de Erfurt que em relação a outros autores, em grande medida, Elias inclina-se mais a uma epistemologia como a mais apropriada em comparação com outras abordagens. Partindo do marco constituído em especial por Weber anteriormente, Elias elege uma epistemologia em particular, assim dialogando mais com um modo de conhecimento específico, manifesto em sua atitude intelectual como o mais apropriado para se conhecer a vida social.

Para se entender essa aproximação de Elias em relação a Weber, é preciso observar como o primeiro se coloca em relação a um dilema que é sempre um convite em aberto à reflexão dos sociólogos. O dilema dual posto entre sociedade e indivíduo é algo que atravessa de um extremo a outro a própria história da sociologia, tanto inspirando a síntese e formulação teóricas, como azeitando diversas discussões no interior e para além da disciplina. Às vezes, esse dilema dual espreita-se em uma série de outros embates teóricos, sem ser devidamente anunciado, como no tenso debate entre agência e estrutura, ou entre ator e sistema.

Dessa forma, esse dilema, que é uma das questões com que Elias mais se depara ao longo da vida, lança luz sobre esse debate. Isso, porque o sociólogo de Breslau se dedica a construir e atualizar instrumentos formais de abstração voltados intimamente a esta questão/dilema, tal como ao desenvolvimento de todo um modo original de se observar e imaginar que nem os indivíduos podem ser encarados como existindo em separado da sociedade e nem esta pode existir sem aqueles. Ademais, Elias (1994) também salienta que o indivíduo é sempre formado, mesmo em sua dimensão mais íntima e profunda, pela sociedade de seu tempo. Todos esses elementos sinalizam para um marco epistemológico herdado a partir da obra de Weber, que, além do que já foi dito, rejeita qualquer teoria que não confira a devida centralidade às motivações dos indivíduos na explicação sociológica.

Esses, assim como outros pontos de contato, descortinam como a produção de Elias foi, em considerável medida, construída ora em legível diálogo, ora em visível e deliberado contraste - e, em certos aspectos, até mesmo em oposição -

com a do clássico de Erfurt. A partir dessas primeiras aproximações entre os autores, pode-se estabelecer algumas outras. Entre elas, o modo como a categoria analítica do poder tem elevada importância nas teorias desenvolvidas por ambos, apresentando também algumas semelhanças pontuais.

A importância do fenômeno do poder para a teoria sociológica

Um outro ponto de contato entre os intelectuais em questão, como dito, constitui-se mediante a categoria analítica do poder. Para os dois autores, o poder é destacado como um fenômeno social de elevada importância, que demanda uma definição sociológica própria. Dessa maneira, o poder é compreendido por eles não como uma categoria substantiva ou essencializada, mas como um conceito relacional, sendo então um atributo das relações sociais.

Para o clássico, o poder é um fenômeno que apresenta múltiplas facetas na vida em sociedade, podendo ser resumido como a capacidade de se impor a própria vontade no interior de uma relação social (WEBER, 1977). Portanto, em Weber, o poder é a capacidade de se controlar indivíduos de acordo com uma vontade particular, em detrimento de oposição ou mesmo de resistência. Sendo preciso estabelecer uma distinção entre o poder de coerção e a autoridade. No primeiro caso, não há consentimento entre todas as partes envolvidas, sendo então muito instável, pois emana da força e da obediência pelo medo. No caso da autoridade, que é o poder exercido devido a algum status social (como professor, policial, mãe, juiz etc), há legitimidade, existindo o consentimento por parte de quem está a ela sujeito.

Na obra de Weber, o percurso que nos leva ao poder e à autoridade passa também por um outro ponto de parada obrigatório: a dominação. Esta é sintetizada como a probabilidade de se encontrar obediência a um determinado mandato, sendo a legitimidade um componente indissociável da mesma (WEBER, 1977). A dominação se apresenta em uma tipologia traçada em três formas puras e não-contraditórias: a tradicional, a carismática e a racional-legal. Estas, assim como os

tipos da ação social (tradicional, afetiva, racional com relação a valores e racional com relação a fins), vão gradualmente da menos para a mais moderna.

Assim como em Weber, em Elias, o poder se apresenta como um conceito relacional e multifacetado, constituindo-se como a capacidade de um indivíduo ou grupo social de orientar o comportamento de outrem de acordo com a sua própria vontade. Para o sociólogo de Breslau, o poder é sempre “a característica estrutural de uma relação” (ELIAS, 1999, p. 104). Com efeito, para o último, o poder é algo que atravessa todas as relações sociais, ressurgindo a todo momento sob diversas formas, aparecendo, por exemplo, não só na relação entre o patrão e os empregados, mas também na relação estabelecida por um casal de namorados, entre irmãos, ou entre pais e filhos.

Um bebê, por exemplo, ao chorar já exerce poder sobre os pais, assim como estes consideravelmente mais sobre aquele, na medida que a dependência do primeiro em relação aos últimos é consideravelmente maior que estes em relação aquele, ainda que a função da criança nessa relação e seu poder não seja de todo nulo (ELIAS, 1999). Dessa forma, o poder pode aparecer de modo mais estável ou mutável, a depender do dinamismo das relações entre indivíduos, grupos, camadas sociais e até mesmo entre sociedades interdependentes, em correspondência com a permanência ou os deslocamentos na balança do poder que marcam essas relações. Assim, o poder é a característica estrutural de todas as relações humanas, tanto aquelas encontradas no interior de uma configuração de aliados, como as que dão vida a uma trama de adversários.

No último caso, é preciso acentuar que, para Elias, a sociedade é atravessada por uma multiplicidade de relações estabelecidos-outsiders. Conforme destacam Elias e Scotson (2000),

As tensões e **conflitos** de grupo inerentes a essa forma de relação podem manter-se latentes (o que costuma acontecer quando **os diferenciais de poder** são muito grandes) ou aparecer abertamente, sob a forma de **conflitos contínuos** (o que costuma acontecer quando a **relação de poder** se altera em favor dos outsiders). [...] quando a dependência é quase inteiramente unilateral e, portanto, **o diferencial de poder** entre estabelecidos e outsiders é muito grande [...] Nesses casos, os outsiders não têm nenhuma **função** para os grupos estabelecidos: simplesmente estão em seu caminho e, com muita frequência, são exterminados ou

postos de lado até perecerem. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 32, grifos nossos).

Nessa direção, é preciso sublinhar que para Elias, assim como para Weber, o conflito é uma noção sempre presente e encarada como inerente à sociedade e às relações humanas, sendo assim um elemento intrínseco à própria dinâmica da vida social.

A partir da relativa proximidade da categoria analítica do poder e da noção de conflito utilizada por eles, aparecem duas outras aproximações interessantes: a primeira delas quanto à relevância da questão da distribuição do poder; e a segunda por ambos flagrarem a importância do fenômeno do prestígio, assim como dos grupos de status, e como esses fenômenos podem se manifestar em descompasso tanto em relação às condições econômicas, como a um modelo de racionalidade prospectiva e tipicamente moderna. Fenômenos que muitas vezes são esquecidos ou minimizados por outras abordagens da sociologia que se inclinam à estratificação social.

No texto *Classe, estamento, partido*, Weber (1974) caracteriza os recursos escassos ou trunfos sociais inerentes aos três critérios de estratificação que marcam o título do escrito. As classes pertencem à ordem econômica, sendo definidas pelos bens materiais; os partidos pertencem à ordem política, tendo como benefício que lhes estrutura o poder político; e os estamentos ou grupos de status figuram na ordem social, tendo como trunfo principal o status ou prestígio (WEBER, 1974). Sendo que o termo “social” assume aqui um sentido mais específico, correlato a trunfos de distinção simbólica, como títulos nobiliárquicos⁸³. Além disso, para ele, a organização daqueles três agrupamentos sociais é um fenômeno da distribuição do poder no interior da vida social.

Embora com uma definição diversa, a questão da distribuição das chances de poder é sempre central para Elias. Em *Mozart: sociologia de um gênio*, por exemplo, o autor frisa como necessário para a análise do destino social de um indivíduo a elaboração de “um modelo das estruturas sociais da época,

⁸³ Isso faz com que, retrospectivamente, possamos perceber Weber como um autor que contribui para o estabelecimento dos processos de distinção social, com estatuto de uma questão importante ou mesmo central, em várias agendas de pesquisa que se configuram após seus escritos.

especialmente quando levam a diferenças de poder” (ELIAS, 1995, p. 19). Antes desta obra, em *Os Estabelecidos e os Outsiders*, Elias e Scotson (2000) já haviam sublinhado a enorme importância do fenômeno da distribuição das chances de poder, ao destacar que um determinado “grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 23).

Além disso, em *A Sociedade de Corte*, Elias também aborda a questão do prestígio, evidenciada primeiro por Weber. De um lado, Weber (1974) destaca o *status* como um estilo de vida que, em contraste com outros estilos de vida, pode ter mais prestígio social, e (como ele observa nas frações aristocráticas em franco declínio da Alemanha do seu tempo) que não necessariamente está vinculado à riqueza. Do outro, na monografia dedicada à sociedade cortesã, Elias (2001a, p. 85-86) sublinha como, para as camadas superiores da corte francesa que se configura nos séculos XVII e XVIII, o consumo era encarado como algo correspondente à posição de prestígio, sendo que um indivíduo situado nesse contexto não poderia manifestar um consumo de luxo considerado abaixo da sua posição, sob pena de declínio social.

Desse modo, pode-se afirmar que, para os membros da aristocracia de corte então envolvidos nessa trama social, a manutenção de um estilo de vida condizente com sua posição de honra e prestígio era vital. Isso, mesmo em detrimento das condições materiais, pois, em uma sociedade em que o prestígio figura como uma das formas de poder e estima mais elevadas e socialmente valorizadas, qualquer “perda de privilégio significava para esses indivíduos um esvaziamento de sentido de suas existências” (ELIAS, 2001a, p. 95). O que marca mais uma sensível aproximação do último sociólogo em relação ao primeiro.⁸⁴

⁸⁴ A partir dos pontos levantados nesta seção do artigo, poderíamos avançar na presente discussão incluindo outras aproximações temáticas e teóricas de Elias em relação a Weber, como a análise dos processos de monopólio ligados à formação dos Estados, ou mesmo o paralelo entre o processo de racionalização analisado por Weber e de civilização descrito por Elias. Entretanto, optamos por restringir a discussão por questões de espaço, assim como para, nas próximas seções deste escrito, contemplar outras aproximações, que geralmente são menos abordadas pela literatura.

As obras de Weber e de Elias: agendas hiperespecializadas ou diários da união entre os campos do saber?

Uma outra e bastante evidente aproximação entre as obras de Max Weber e de Norbert Elias está na junção ou no diálogo entre diferentes saberes, situados hoje em diversos campos do conhecimento. Desse modo, ambos atravessam temas que ficaram cada vez mais sob o comando de disciplinas específicas, como a Sociologia, a Psicologia, as Artes, a Ciência Política, a Antropologia, a Economia e a História.

Apesar de Weber ser pouco mais de 30 anos mais velho que Elias, este iniciou sua formação em um tempo em que a crescente especialização dos campos mencionados ainda não havia avançado tanto, buscando sempre manter essa característica em sua produção. Adicionalmente, é preciso lembrar que parte da formação inicial de Norbert Elias como pesquisador deu-se em Heidelberg, pouco após o falecimento de Max Weber, local em que as ideias deste último tinham elevada força vocal. Sendo que Elias interagiu nesse momento, no início do século XX, com pessoas do círculo mais íntimo de Weber, responsáveis por defender e difundir sua obra, como a própria esposa, Marianne Weber (1870-1954).⁸⁵

Nessa direção, como lembra Heinich (2001), a pluridisciplinaridade praticada por Elias desde a sua formação parece tanto manifestação do passado, remanescente da concepção das *Geisteswissenschaften*, como manifestação de “uma liberdade em relação aos recortes acadêmicos, às periodizações admitidas e às problemáticas obrigatórias” (HEINICH, 2001, p. 156).

No caso de Weber, um breve olhar por qualquer um dos seus textos é suficiente para verificar isso. Como na seguinte passagem, em que destaca como um dos seus projetos a “pesquisa científica do significado cultural da estrutura socioeconômica da vida social humana, e das suas formas históricas de organização” (WEBER, 1999, p. 120).

⁸⁵ Sobre esse período, a relação com Marianne Weber e o início da sua formação como pesquisador, ver Elias (2001b). Este texto, *Norbert Elias por ele mesmo*, resulta de uma entrevista cedida pelo autor ao final da sua vida e transcrita, tendo de ser entendido como um relato construído muitos decênios após os fatos descritos, e, portanto, bastante seletivo. Todavia, ainda assim, ele tem valor para se mapear alguns momentos pouco abordados da trajetória de Elias.

Nesse sentido, ao abordar como, por exemplo, o fator econômico se apresenta no pensamento de Weber, Argüello (1997) destaca que, “em muitas passagens de sua obra, este fator emerge como sendo o mais importante”, entretanto, o sociólogo alemão pretende explicar justamente “aquilo que ultrapassa o aspecto econômico, isto é, o fato de o homem atribuir um sentido à vida” (ARGÜELLO, 1997, p. 73).

Com efeito, para sublinhar a coerência deste argumento da autora, basta pensarmos no título que Max Weber conferiu à obra em que mais e melhor descreve seus conceitos e seu vocabulário, por ele nomeada, justamente, de *Economia e sociedade*.

Ademais, é preciso frisar como algumas formas de se classificar a obra do clássico de Erfurt muitas vezes vêm em companhia de construções reducionistas. Estas que não incorporam a amplitude, variabilidade e profundidade dos seus temas, conceitos e métodos.

Isso porque, com frequência, denominações como Sociologia Compreensiva ou Sociologia Histórica são encaradas em sentido literal. No primeiro caso, parecendo que o modo de pensamento fundamental de Weber é o compreensivo, e não a articulação entre explicar e compreender. No segundo, parece que a sociologia praticada por ele inclina-se mais a temas históricos, ou então ora a temas históricos, ora a contemporâneos. Porém, um aspecto diferencial da sua obra é precisamente contemplar processos de longa duração que atravessam sociedades do presente e do passado. Dimensão que traduz melhor as suas motivações, interesses, assim como seus projetos sempre amplos e ousados.

Como salientamos nas últimas páginas, as questões que respondem como ocorreu a recepção do pensamento e da obra de um autor em determinado período abarcam fenômenos sociais. A partir disso, é possível questionar se a recepção compartimentalizada do pensamento e da obra de Weber não corresponderá às formas de classificação que vigoram no campo acadêmico atualmente, constituindo estas um fator relevante para explicar àquela.

Ancoradas em processos sociais concretos, essas formas configuram-se e configuraram-se nos mais diversos países ao longo dos séculos XX e XXI, sendo

guiadas por uma intensa especialização entre as disciplinas, no interior delas e, até mesmo, nessas subáreas. Assim, talvez a recepção das ideias de Weber e de outros autores seja, em grande medida, mediada por essas chaves de classificação rotinizadas e naturalizadas entre nós. Sendo menos difícil percebê-las que evitá-las.

O valor de uma sociologia da longa duração

Interessante notar que, da última aproximação mencionada, desmembra-se um outro ponto de contato de Elias em relação a Weber, qual seja a junção entre História e Sociologia. Sendo que, nas obras de ambos, é sempre manifesto o cuidado para não haver a reprodução da própria escala de valores nos resultados das investigações empreendidas, havendo cautela em relação aos anacronismos históricos. Assim como está sempre presente o suposto de que para se entender uma determinada sociedade histórica é preciso entender seus valores, levando em consideração que esses valores, assim como as diferentes características da vida social, têm de ser compreendidos em seu contexto de origem específico.

Nessa direção, tal como Elias, mas antes deste, o clássico de Erfurt compatibiliza História e Sociologia, assim como refuta sínteses totalizantes ou teleológicas. Em Weber, a junção das disciplinas mencionadas realiza-se na articulação entre as especificidades de cada sociedade histórica e as regularidades sociais mais generalizáveis de cada fase do processo histórico. Simultaneamente, Weber insiste em considerar a dimensão variável e de multiplicidade das questões culturais, destacando como elas renascem a cada momento. Tais considerações impõem elevadas barreiras para se falar em universalidade. Contra as teorias universalistas, o clássico investe justamente na especificidade do Ocidente, ao abordar o fenômeno da secularidade. Além disso, é preciso sublinhar que para Weber, assim como para Elias, não existe um sentido universal e imanente à história a ser apreendido e que, de alguma forma, possa ser descoberto a ponto de se poder antever com precisão o destino das sociedades humanas.

Ao mesmo tempo, é preciso perceber que para ambos os autores o conhecimento mais sofisticado e empiricamente fundamentado de outras sociedades históricas não impede a comparação de certos fenômenos analisados com os que atravessam a nossa realidade. Isso posto, ainda que em chaves distintas, tanto Weber como Elias utilizam a comparação como uma estratégica ferramenta heurística em suas investigações.

Em fins do século XIX e início do XX, Weber formulou seus tipos ideais - sempre constructos sociológicos puros e não-contraditórios - a partir do estudo histórico intensivo (o que, logicamente, não é o mesmo que afirmar que eles expressem a realidade histórica “autêntica”). O valor heurístico desse conceito reside em seu potencial de comparação, sendo assim um meio para medir e comparar a realidade em questão (WEBER, 1999, p. 143).

Isso posto, com os tipos ideais pode-se ver com maior precisão, sem se perder no caos infinito da realidade, como esses tipos misturam-se. Havendo, por exemplo, mesclas entre o tradicional e o moderno em nossas ações ou nas formas de dominação existentes em nossa realidade, assim se perpetuando muito passado em nosso presente (WEBER, 1977).

No segundo caso, em *A Sociedade de Corte*, Elias destacará de modo explícito como a comparação entre fenômenos que ocorrem em diferentes sociedades históricas pode se constituir como um trunfo heurístico valioso.

Aprendemos a entender melhor o contexto social de nossa própria vida quando nos aprofundamos no de pessoas pertencentes a uma outra sociedade. A investigação da sociedade de corte revela, com mais clareza do que se estudássemos apenas nossa própria sociedade, que nossa escala de valores constitui um elo na corrente de interdependências a que estamos submetidos. (ELIAS, 2001a, p. 93, grifos nossos).

Para tematizar melhor essa discussão, é preciso acentuar que ambos lançam mão de um dos elementos diferenciais da imaginação sociológica: a abordagem de processos de longa duração histórica. Elemento bastante frequente nas obras dos clássicos da sociologia, e inerente à sociologia dos processos construída por Elias, entre outros poucos autores da chamada sociologia contemporânea.

Essa opção espreita-se nas obras de Weber e de Elias mediante as perguntas de investigação formuladas por eles, que privilegiam diversas vezes o “como”, ou

seja, a descrição dos processos sociais. Tais questões vêm muitas vezes acompanhadas por perguntas iniciadas com “por que”, mais inclinadas às causas ou fatores sociais mais amplos que originaram ou são significativos para se explicar um determinado processo ou fenômeno social.

A opção pela longa duração é heurísticamente valiosa para se observar e descrever as mudanças em longo prazo na estrutura social. Articulada às hipóteses ousadas e à capacidade analítica de ambos, tal opção é crucial para que Weber e Elias possam construir teorias mais complexas e sofisticadas sobre a mudança social, abarcando processos que por séculos despertaram amplamente e ainda despertam a curiosidade humana.

Desse modo, se Weber concentra-se em descrever o longo processo de racionalização - do início do século XVII até sua época, no início do século XX - do qual derivou a burocracia moderna, a separação das esferas da vida e com o qual tem íntima conexão o chamado desencantamento do mundo, Elias inclina-se a outros processos de longa duração diversos a esses ou correlatos, por vezes lançando críticas ao próprio Weber.

Em *A sociedade dos indivíduos*, Elias (1994) afirma que aquilo que Weber

apresentou como ética protestante, em sua forma primitiva do século XVII, foi mais sintoma do que causa de uma mudança do *habitus* social dos seres humanos - no caso, primordialmente comerciantes que estavam ascendendo ou tentando ascender socialmente - em direção a uma maior individualização (ELIAS, 1994, p. 191).

Esta interessante crítica não pode ser vista como oriunda apenas da genialidade e do esforço intelectual do sociólogo de Breslau. Esse importante ponto de inflexão e distanciamento entre eles deve também ser visto como correlato a um processo social e intelectual consideravelmente mais amplo e vivenciado de forma diferenciada por ambos. Processo em que Elias, pela geração, tempo e circunstâncias em que esteve envolvido, pode gradualmente libertar-se de certas ideias e supostos com mais desenvoltura que Weber.

Isso porque a noção de causalidade weberiana tem visível inspiração nas ciências da natureza. Todavia, no início da trajetória intelectual de Elias, mesmo

em sua última obra citada, em que tece a crítica mencionada a Weber, algo semelhante também pode ser verificado.

Desse modo, o livro *A sociedade dos indivíduos* é uma fonte privilegiada para se observar isso. Nessa produção, que é dividida em três partes correspondentes a três diferentes épocas (com um primeiro texto datado de 1939, o segundo sendo escrito gradativamente entre os decênios de 1940 e 1950, e o último sendo de 1987), Elias (1994) reflete, dentre outras coisas, sobre o tenso dilema dual posto entre sociedade e indivíduo, dando possível visualizar na primeira parte da obra como a palavra “influência” é dotada de um sentido específico, com alguma familiaridade ao modo como é empregada nas ciências da natureza. Sentido que se perde nas outras duas partes do livro, escritas em momentos posteriores.

Como já destacamos, paradoxalmente, as obras, ideias, análises e intelectuais mais singulares são estratégicos para se verificar os paradigmas, ideias e supostos mais naturalizados em determinada época e sociedade. Nesse sentido, esta reflexão, aliada à escolha pela longa duração, pode nos ser útil para aclarar processos mais amplos que atravessam e, até mesmo, presidem a construção de sentido que podemos entrever nas obras de Weber e de Elias. Isso por que, se Weber manifesta uma noção de causalidade mais característica à sua geração, o desenvolvimento de uma perspectiva multicausal já era mais viável no campo de possibilidades que, aos poucos, foi se descortinando para Elias ao longo do século XX.

Conforme destaca Heinich (2001), para o último,

a noção tradicional de causalidade, tal como é utilizada nas ciências da natureza perde sua pertinência: não se trata mais de ligar tal efeito a tal causa, pois pode haver uma pluralidade de fatores suscetíveis de dar conta de um fenômeno. Não se está mais na geração mecânica de um efeito por uma causa, mas na ordem relativista da relação entre fenômenos interdependentes, submetidos a determinações recíprocas. [...] Ele realiza nisto um avanço em relação a Max Weber, ao convidar a se desprender da categoria da causalidade: não abandonando-a totalmente, mas considerando-a como um caso particular dos fenômenos mais gerais de interdependência. É o que se produz a partir do momento em que se passa, como o faz Elias, de um pensamento descontínuo, em termos de clivagens entre momentos históricos, a um pensamento contínuo, em termos de graus. (HEINICH, 2001, p. 153, grifos nossos).

Assim, para usar o léxico do sociólogo de Breslau, pode-se afirmar que, ao voltar-se cada vez mais contra um estilo de raciocínio pautado em uma noção de causalidade tomada de empréstimo às ciências da natureza, e, com o tempo, inclinar-se mais às estruturas em desenvolvimento, e em identificar eventos sintomáticos desses processos, a sociologia praticada por Elias é sintomática dessa mudança mais ampla.

Ainda com relação à abordagem de longa duração inerente à sua sociologia dos processos, em *Mozart: sociologia de um gênio*, Elias lança uma sugestão que talvez nos seja útil para problematizar melhor algumas definições, como as de sociologia clássica e contemporânea (se estas forem encaradas em um sentido restritivo, literal e reducionista), e que pode nos ajudar a concluir a reflexão iniciada nas últimas páginas.

Com efeito, Elias (1995) argumenta que

Mozart era um representante musical do rococó ou do século XIX burguês? Sua obra foi a última manifestação de uma música pré-romântica “objetiva” ou ela já mostra sinais do “subjetivismo” que despontava? O problema é que tais categorias não nos levam muito longe. São abstrações acadêmicas, que não fazem justiça ao caráter processo dos dados sociais observáveis a que se referem. Subjacente a elas está a ideia de que a metódica divisão em épocas, que normalmente encontramos nos livros de história, se adapta perfeitamente ao curso real do desenvolvimento social. (ELIAS, 1995, p. 15).

Ainda sobre *Mozart...*, embora Elias não insista muito nas comparações entre as gerações de músicos, é interessante notar que, se Mozart pode no decorrer da sua trajetória, nas interações com outros indivíduos, passar a alimentar o desejo de ser um artista com maior grau de liberdade em relação à aristocracia de corte e lançar-se como um músico autônomo, certamente essa não era uma possibilidade anos antes para Johan Sebastian Bach (1685-1750). Mas a situação seria extraordinariamente diversas décadas após a morte de Mozart (que nasceu em 1756 e faleceu em 1791). Como se vê no caso do compositor Liszt Ferenc (1811-1886), que já podia dar-se ao luxo de fazer música para consumo de um grande público, fosse ele formado pela burguesia ou pela aristocracia. Sendo que as transformações sociais que ocorreram permitiram que ele pudesse ser ousado e que essa ousadia fosse então valorizada.

No tempo de Liszt, a posição de músico mudou consideravelmente devido a todo um ciclo de correspondências sociais, políticas, culturais e estéticas que se articularam, passando a ser vista como uma posição de destaque e prestígio na hierarquia social. Uma opção interessante para se observar isso é a comparação dos retratos de Liszt e de Mozart, pois a diferença no prestígio e valorização de ambos se expressa plasticamente nessas representações visuais.

Essa comparação não é fortuita. Na verdade, em ambos os casos, as obras de Weber e de Elias, assim como os retratos de Mozart e de Liszt, são a contraface de mudanças de longa duração. Processos sociais concretos que nos desafiam a visualizar, assim como a desenvolver aparatos analíticos e conceituais para apreender sua plasticidade sócio-histórica.

Explicar e compreender: dois modos de pensamento complementares

Qualquer abordagem que se incline à sociologia desenvolvida por Norbert Elias, assim como a seus múltiplos diálogos e inspirações, sempre recai no fio que une as variadas pérolas ofertadas por ele às Ciências Humanas. Esse fio comum é o conceito de configuração social, com o qual Elias descreve o modo particular como lida com a falsa dicotomia entre indivíduo e sociedade.

Conforme destaca Elias (1993, 1994, 1995, 1998, 1999, 2001a, 2001b, 2005, 2011), a configuração é sempre formada por indivíduos interdependentes, e as interdependências formadas por eles estão no cerne da teoria sociológica, sendo constituídas, por sua vez, pelo entrelaçamento dos recíprocos laços de dependência (amorosa, financeira, afetiva, política, bélica, de status etc) que elam os indivíduos em sociedade.

Para explicar o conceito de configuração, Elias (1999) recorre aos modelos didáticos de jogos, assim destacando que, se um conjunto de dois ou mais jogadores sentarem-se em volta de uma mesa para, por exemplo, disputar um jogo de cartas, cada uma das ações de cada jogador só poderá ser compreendida mediante o decurso do jogo em processo. Portanto, no lance a lance desse jogo,

contrastam, ligam-se, interligam-se, as ações e os intelectos de todos os jogadores individuais.

Desse modo, não é possível traçar o funcionamento particular a essa configuração com um modelo estático e abstrato do que se passa no jogo, nem sem descrever e explicar como esses jogadores individuais reagem uns aos outros, ou seja, como cada jogada ou ação particular conecta-se às demais, ganhando sentido nesse decurso. Somente neste, cada ação de cada jogador, e dos outros aliados e adversários que formam essa configuração de jogadores interdependentes, podem explicar as ações passadas e as seguintes. Assim, a configuração é mutável, não sendo possível entender sua forma atual (o momento preciso desse jogo) sem entender o processo de ações e interações formado pelos jogadores em conjunto.

Uma configuração social pode tanto ser formada por dois ou mais indivíduos, como por nações ou grupos de nações inteiras. Portanto, as diversas configurações encontradas na vida social podem ter graus consideravelmente variáveis de complexidade, tal como de duração no tempo e extensão no espaço. Para flagrar em profundidade as interdependências no interior dessas configurações, é preciso - em vez de recortes disciplinares produzidos de antemão, locais, pontuais e, muitas vezes, restritivos - uma visão e imaginação mais relacionais, interativas, e empiricamente fundamentadas e circunstanciadas.

Sendo um desafio importante para as abordagens inspiradas por essa perspectiva o de produzir o recorte necessário às questões que vão surgindo. Isso, de modo que o processo, fenômeno, indivíduo, grupo ou camada social em análise possam ser enxergados, não se perdendo em uma rede infinita; e, simultaneamente, os contextos não sejam reduzidos a meros panos de fundo, mas possam ser visualizados como parte das interações efetivas estabelecidas por indivíduos e/ou grupos sociais reais em interação (FARIA JÚNIOR, 2017, p. 12).

Interessante perceber que, entre outras coisas, com o conceito de configuração social, além de equacionar o tenso dilema dual posto entre indivíduo e sociedade, Elias pode desenvolver sua resposta particular a uma questão central para a Sociologia e as Ciências Humanas que se constituíram com o decorrer da

modernidade. Questão esta que marca uma outra aproximação relevante com a sociologia desenvolvida por Max Weber.

Em linhas gerais, essa questão pode ser resumida da seguinte forma: “por que os indivíduos agem como agem?”. Tal pergunta é uma das mais relevantes da história da sociologia. E, dada a sua abrangência, ressurgiu constantemente - às vezes, mediante termos e lógicas diversas - em disciplinas como a História, a Antropologia, a Ciência Política, as Artes, a Psicologia, a Economia, e tem raízes na Filosofia.

Para Elias, se o decurso da configuração social é o que dá sentido às ações dos indivíduos, é impossível compreender essas ações sem explicar àquela configuração. Dessa maneira, ele sintoniza-se novamente à perspectiva construída antes por Weber, que também busca compatibilizar as tarefas de explicar/demonstrar e compreender/interpretar.⁸⁶

Segundo Weber, a Sociologia é a ciência que objetiva compreender o sentido da ação social e explicar essa ação em seu curso e em seus efeitos (WEBER, 2012, p. 12). Apesar de bastante didática, essa definição sempre provoca controvérsias e embates entre os intérpretes da sua obra. Todavia, se essa definição (exposta em *Economia e sociedade*, obra em que, em geral, Weber tenta definir melhor seus conceitos e seu pensamento) não for confrontada a outras obras em que realmente empreende suas investigações, tem-se a impressão que o autor parte da compreensão para então explicar a realidade social. No entanto, isso não traduz com precisão o seu método particular, que o distingue de outros intelectuais da sua época e das gerações imediatamente anteriores, como Wilhelm Dilthey (1833-1911). Conforme lembra Kaufmann (2013), Dilthey inclina-se à compreensão, definindo-a em oposição radical à explicação, e a concebendo como “uma pura apreensão de um conhecimento social incorporado pelos indivíduos” (KAUFMANN, 2013, p. 46).

⁸⁶ Embora apareçam com frequência como sinônimos, os termos “explicar” e “compreender” remetem, respectivamente, às operações de demonstrar e de interpretar. Basicamente, no primeiro caso, a referência recai sobre um modo de pensamento que privilegia conexões causais ou multicausais objetivas e assim demonstráveis. No segundo, há a compreensão da forma como o indivíduo interpreta a sua ação ou comportamento. Neste último caso, o indivíduo é o portador/intérprete de um sentido subjetivamente visado que o pesquisador deseja compreender.

Na realidade, o *modus operandi* particular de Weber desenvolve-se em três movimentos básicos.

Em primeiro lugar, ele só começa com a definição de um tema de investigação específico por parte do pesquisador. Uma escolha subjetiva, sempre relacionada à uma escala de valores que, por sua vez, tem íntima sintonia com o universo sócio-cultural particular no qual essa escolha subjetiva ganha vida.

Apesar disso, como salienta Saint-Pierre (1994), para Weber, “embora se parta de uma escolha subjetiva para o recorte do material, os resultados científicos, para ser tais, devem ser obtidos a partir de procedimentos submetidos à verificação” (SAINT-PIERRE, 1994, p. 39).

Dessa forma, o segundo movimento nasce do conhecimento das instituições particulares (como, por exemplo, a religião - mais especificamente, o protestantismo ascético) para explicar o condicionamento por elas engendrado e, por fim, compreender a sua significação cultural, tarefa que constitui o terceiro e último movimento (WEBER, 1977, 1999, 2013).

Quanto ao termo “instituições”, é fundamental sublinhar como o clássico alemão as entende de modo sutil e particular, relacionando a eficácia, emergência, permanência ou mudança delas à ideia de legitimidade (o que exemplifica como o clássico compatibiliza compreensão e explicação em uma chave complexa e cambiante). Conforme destaca Souza (2001), na visão de Weber,

A Revolução Francesa, apesar do alvoroço que provoca, não se compara a uma verdadeira revolução da consciência como a do protestantismo ascético. [...] **Uma real mudança institucional advém da conversão dos corações e mentes das pessoas** (SOUZA, 2001, p. 76, grifos nossos).

Com relação aos últimos dois movimentos, é necessário frisar que Weber entende por condicionamento não leis, mas conexões causais concretas e objetificáveis. Já a compreensão da significação cultural⁸⁷ só é possível mediante o

⁸⁷ De acordo com Souza (2001, p. 69-70), a noção de “significação cultural” (*Kulturbedeutung*) utilizada por Max Weber relaciona-se com a noção homônima de Heinrich Rickert. Assim, “designa um fenômeno digno de relevo, no sentido de importante como objeto de estudo, em comparação com outros mais discretos” (SOUZA, 2001, p. 70).

exame aprofundado da especificidade de certos elementos culturais, estes que nos são acessíveis mediante a revivência compreensiva.

Logicamente, na prática, ao se explorar a dimensão qualitativa dos fenômenos, esses três movimentos se articulam, mas sem deixar de seguir esse percurso relativo.

Portanto, Elias retoma uma dimensão importante da obra desse clássico, ao desenvolver uma perspectiva em que explicar e compreender são modos de pensamento que se articulam para a produção de uma explicação compreensiva de algum fenômeno específico da vida social. A articulação entre tais modos de pensamento, ou mesmo o que entendia por explicar e compreender, geralmente não são explicitados pelo sociólogo de Breslau. Entretanto, em *A sociedade dos indivíduos*, Elias (1994) destaca que

A verdadeira tarefa da pesquisa, contudo, consiste em **compreender e explicar** como esses aspectos [os diferentes aspectos do desenvolvimento da personalidade de uma pessoa] se entrelaçam no processo e em representar simbolicamente seu entrelaçamento num modelo teórico com a ajuda de conceitos comunicáveis. (ELIAS, 1994, p. 153, grifos nossos).

Isso posto, uma outra aproximação de Elias em relação a Weber pode ser identificada a partir da própria noção de compreensão. De um lado, o clássico alemão define como fundamental a tarefa de se compreender o sentido da ação social, sendo um elemento fundamental nesse processo a empatia. Esta pode ser definida como a capacidade de, como seres humanos que somos, nos tornarmos conscientes da vida interior de outros seres humanos mediante a revivência compreensiva, mesmo que estejamos situados em contextos subjetivos de sentido diferentes.

Do outro lado, em *Mozart: sociologia de um gênio*, o autor contemporâneo define que para se compreender um indivíduo é preciso conhecer seus desejos. Dessa forma, para se compreender os desejos de alguém é preciso realizar o esforço de se aproximar da perspectiva do indivíduo, do “eu”, mas sempre situando os seus desejos no contexto específico da sua época e sociedade (ELIAS, 1995, p. 13). Da mesma maneira, em *A peregrinação de Watteau à ilha do amor*, ele aponta como necessário para se compreender a atmosfera singular que paira sobre o

quadro do início do século XVIII - *Peregrinação à Ilha de Citera* - a evocação do sentido do tema na época de Watteau, seu produtor (ELIAS, 2005, p. 25).

No entanto, para ambos os sociólogos, a maneira como os indivíduos interpretam as suas ações nunca é considerada em um sentido literal, tendo sempre valor relativo. Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, isso é legível na análise do teórico de Erfurt, pois ele submerge nos textos de Benjamin Franklin, Lutero e Calvino, entre outros, não para acessar ideias e representações mais imediatas. Pelo oposto, Weber (2013) busca compreender um sentido subjetivamente visado específico, que é mais complexo, opaco, significativo e profundo. Desse modo, ele afirma que sua tarefa é, na verdade,

encontrar a filiação intelectual dessa forma concreta de pensamento racional, a partir da qual germinou a ideia de uma vocação e devoção ao trabalho [...] que foi e continua sendo um dos elementos mais característicos da nossa cultura capitalista. (WEBER, 2013, p. 78, grifos nossos).

Nessa dimensão, o *modus operandi* do sociólogo de Breslau tem sensíveis similaridades com o de Weber. Em diversas passagens de *Os Estabelecidos e os Outsiders*, por exemplo, Elias e Scotson (2000) enaltecem como as fofocas promovidas pelos moradores antigos (os estabelecidos) sobre os recém-chegados (os outsiders) não servem como um dado objetivo da realidade. Para além das interpretações mais imediatas daqueles moradores, ou mesmo de uma suposta transparência do social (como se este fosse pronta e facilmente acessível aos indivíduos), a análise subsequente dos autores é que permite a afirmação de que esse material pode dar legibilidade à dinâmica de hierarquização de Winston Parva, sendo que tais “mexericos da aldeia refletiam a estrutura e a situação do grupo que os circulava” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 128).

Com efeito, para Weber e Elias, a forma particular como os indivíduos interpretam ou justificam as suas ações jamais é considerada como um dado objetivo da realidade, sendo indispensável o poder de análise do pesquisador para se acessar a - sempre inicialmente opaca e enigmática - significação sociológica dessas interpretações.

Considerações finais

No decorrer deste artigo, argumentamos como a sociologia de Max Weber está presente no pensamento de Norbert Elias, com ênfase para algumas significativas inspirações e aproximações entre eles, que marcam a síntese criativa inerente à sociologia praticada por Elias ao longo da sua vida.

Nessa direção, o indivíduo emerge como um importante locus de complexidade em comum entre eles. Isso pode ser facilmente percebido na definição que ambos dão ao próprio objeto da sociologia. Desse modo, mediante esta e outras evidências, afirmou-se que, ao partir do marco constituído em especial por Weber anteriormente, que rejeita qualquer teoria que não confira a devida centralidade às motivações dos indivíduos na explicação sociológica, Elias elege uma epistemologia em particular. E, assim, dialoga mais com um modo de conhecimento específico, manifesto em sua atitude intelectual como o mais apropriado para se conhecer a vida social.

Após isso, foi demonstrado como em Weber, tal como em Elias, o poder se apresenta não como um conceito substancializado, mas sim relacional e multifacetado. Havendo semelhanças entre eles também nas suas definições de poder, e aproximações quanto à relevância da noção de conflito, da questão da distribuição do poder, assim como no surgimento e tratamento dos fenômenos do prestígio e dos grupos de status.

Além disso, constatou-se que a articulação entre dois modos de pensamento frequentemente tomados em separado, quais sejam os de explicar e compreender, é uma das inspirações da sociologia construída por Elias que mais visivelmente enraíza-se na obra de Weber. Considerando não só essa proposta específica, mas a forma particular que Weber dá à ela em suas produções e a sensível proximidade de Elias em relação à mesma, é extremamente difícil supor que o último autor não inspirou-se mais diretamente no clássico de Erfurt nesse aspecto. Isso porque, entre outras evidências, ele se apresenta de modo reelaborado na definição e uso da configuração social, seu principal conceito.

Quanto aos demais pontos mencionados, é bem possível que Elias tenha, de algum modo, inspirado-se na obra de Weber, se considerarmos o fato de

aparecerem com frequência em conjunto nas obras de ambos, assim como a chave particular algo próxima com que são encarados. No entanto, é também possível que, nesses mesmos pontos, Elias tenha inspirado-se em outras obras, em especial as inscritas no contexto intelectual preciso da sociologia alemã do início do século XX. Dessa forma, algumas dessas tendências podem ser vistas tanto na obra de Weber como em outros sociólogos e pensadores do período, não sendo improvável o amálgama entre essas duas alternativas, que bem da verdade nem sempre excluem-se mutuamente.

Para se observar isso, no entanto, é preciso considerar a dimensão híbrida e dialógica dos fenômenos da vida intelectual, que, como todos os grandes fenômenos culturais e sociais, têm uma constituição fundamental e plasticamente entrelaçada.

De qualquer maneira, podemos aventar que - além das inspirações e pontos de contato já destacados - aproximações como os diálogos ou a união entre distintas disciplinas, e a ênfase em processos de longa duração, também podem ser encaradas como ferramentas valiosas, resultantes da síntese renovadora do pensamento de Weber, assim como de outros autores, que nos foi legada por Elias.

Para encerrar este escrito, é importante destacar que uma das tarefas mais difíceis em se identificar as inspirações mais diretas, assim como as aproximações menos refletidas e evidentes, entre Elias e outros intelectuais ocorre pelo fato do sociólogo de Breslau, em suas diversas produções, não ponderar sobre o quanto os diálogos estabelecidos com as obras de outros autores lhe foram importantes. Quanto às obras dos clássicos da sociologia, pode-se afirmar que, geralmente, elas são citadas por ele para serem criticadas. Além do que, nos textos das últimas décadas da sua vida, cada vez menos outros autores são por ele citados.

Uma hipótese que talvez explique ou ajude a explicar o fenômeno descrito nesse último parágrafo é (para usar o fecundo léxico do próprio sociólogo) que ele corresponde à elevadíssima autoestima que Elias nutria. Estima que, ao fim da sua jornada (embora ainda não correspondesse à elevada autoimagem que ele tinha de si mesmo), o autor teve cada vez mais evidências para alimentar, dado o enorme reconhecimento simbólico conquistado nos últimos decênios de vida.

Por tudo o que foi dito, assim como a colaboração de Max Weber, a extensa contribuição de Norbert Elias para a Sociologia e as Ciências Humanas pode ser encarada como relevante para que muitos sociólogos, em especial os brasileiros, possam sintonizar a rigorosa fundamentação empírica já existente à tão necessária invenção teórica.

Referências

- ALEXANDER, Jeffrey C. A importância dos clássicos. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. (orgs). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 23-89.
- ARGÜELLO, Katie. **O Ícaro da Modernidade: Direito e Política em Max Weber**. São Paulo: Acadêmica, 1997.
- ELIAS, Norbert. **A peregrinação de Watteau à ilha do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **A Sociedade de Corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001a.
- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- _____. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- _____. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- _____. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001b.
- _____. **O processo civilizador**, volume 1: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____; Scotson, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FARIA JÚNIOR, W. J. B. **Sobre nós invisíveis e vidas entrelaçadas: algumas questões e reflexões sobre os estudos de trajetórias feitas a partir da análise da vida de Poty Lazzarotto**. In: VIII Seminário Nacional de Sociologia & Política: Direitos Humanos e Democracia: Perspectivas e Desafios Contemporâneos, 2017, Curitiba/PR. Anais do VIII Seminário nacional de Sociologia & Política. Curitiba, 2017. p. 01-23. Disponível em: http://e-democracia.com.br/sociologia/anais_2017/pdf/GT08-10.pdf. Acesso em: 25/09/2018.
- HEINICH, Nathalie. **A sociologia de Norbert Elias**. Bauru/SP: EDUCS, 2001.
- JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis/RJ: Vozes; Maceió/AL: Edufal, 2013.
- SAINT-PIERRE, Héctor. **Max Weber: entre a paixão e a razão**. 2. ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- SOUZA, Jessé. Elias, Weber e a singularidade cultural brasileira. In: WAIZBORT, Leopoldo. (Org.). **Dossiê Norbert Elias**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 63-88.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

_____. **Ciência e Política: duas vocações**. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

_____. Classe, estamento, partido. In: GERTH, Hans; MILLS, Wright. (Orgs.). **Max Weber - Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. p. 211-228.

_____. Conceitos sociológicos fundamentais. In: _____. **Economia e sociedade**. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p. 03-35.

_____. **Economia y sociedad**. 2. Ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

_____. **Metodologia das Ciências Sociais**. 3. ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

Recebido: 10 dez. 2018

Aceito: 20 fev. 2019